



31 julho 2024
Memória de Santo Inácio de Loyola, presbítero



Da féria para a festa

O tempo, tal como o espaço, é uma categoria inelutável da nossa condição humana e espiritual. Somos de uma fé que é fruto da

encarnação do Verbo e que requer encarnação permanente como vivência da santidade. Estamos em pleno tempo estival, convite a praticar um distanciamento daquilo que virou normalidade e, através do descanso, do silêncio, oração, do fruir de tempo livre (ou liberto) podemos mergulhar na fonte onde o Essencial é mais experimentado. Tempo, esse sábio e tirano, que tanto revela o conseguido, como denuncia a finitude. Tempo, peneira inexorável das “peneiras” humanas e guardador exclusivo dos grãos da bondade.

Concluimos neste mês o ano jubilar monfortino dedicado aos 350 anos do nascimento de S. Luís de Montfort e, nada melhor para encerrar esse acontecimento, do que nos apropriarmos da pérola que a Igreja ofereceu *urbi et orbi* no dia da canonização do nosso fundador, a 20 de julho 1947, pela eloquente intervenção do Papa Pio XII. Palavras cheias de enlevo e de pertinência espiritual e moral. Revisitar o passado não é pecado; até pode ajudar-nos a progredir, carregando mais atempadamente os corações com as razões da salvação, capazes de fazer um “caminho de esperança”.

Concluído o nosso ano jubilar para deixar a nossa congregação em missão, eis quando, entretanto, o Papa Francisco declara para toda a Igreja, um outro: o grande Jubileu Ordinário do ano 2025 com o lema, *A Esperança não engana* (*Spes non confundit*), a iniciar no dia 24 de dezembro do corrente ano. Deseja o Papa que o Jubileu seja “*para todos, ocasião para reanimar a esperança*” (Bula 1). Sendo os sinais de esperança cada vez mais escassos por todo o lado, tanto em âmbito eclesial, como social e político, e mais ainda no âmbito interpessoal – a grande penitência na vida foi/é a convivência!? - que nos podem derrotar e prender à lamentação, o Papa desafia-nos e convoca-nos, também a nós, monfortinos, a engrossar o número daqueles que se fazem ao caminho, dispostos a oferecer sinais de esperança ao nosso mundo açoitado por tantas tempestades e enganos e a padecer por tanta falta deles. Costuma ser sempre assim: quanto mais sinais damos de esperança mais ela aumenta em nós. Que nos façam refletir e ganhar mais motivação, tanto no trabalho como nas relações pessoais, as palavras do Papa Francisco: “*As tempestades nunca poderão prevalecer, porque estamos ancorados na esperança da graça, capaz de nos fazer viver em Cristo, superando o pecado, o medo e a morte. Esta esperança, muito maior do que as satisfações quotidianas e as melhorias nas condições de vida,*

transporta-nos para além das provações e exorta-nos a caminhar sem perder de vista a grandeza da meta a que somos chamados: o Céu” (Bula 25).

Que o tempo de férias nos alivie dos pesos das preocupações e angústias e nos ajude a embarcar com Jesus e a confiar mais n`Ele.

Boas Férias a todos!

Pe. Amílcar Tavares,
Superior da Delegação

A Homilia do Santo Padre Pio XII

Eis, na versão portuguesa, o texto da homilia pronunciada pelo Sumo Pontífice Pio XII em honra do novo Santo, imediatamente após a canonização, a 20 de julho de 1947

MONTFORT NO ESPLENDOR DOS SANTOS

Veneráveis Irmãos, amados filhos,

Quando Luís Maria Grignon de Montfort (que há pouco tempo, com a ajuda e a inspiração de Deus, redimimos com a auréola dos Santos) veio a esta Cidade santa para venerar, humilde e devotamente, o Túmulo do Bem-aventurado Pedro, por Nosso Predecessor Clemente XI, então gloriosamente reinante, ele sabia que estava destinado não a evangelizar os povos infiéis, como ele desejava, mas a renovar alegremente os costumes em sua própria nação. E o Santo, obedecendo prontamente à augusta exortação, regressou a França e durante toda a sua vida nada teve de mais caro do que responder com generosa alacridade ao paternal convite do Sumo Pontífice. Mais de uma vez, e quase sempre a pé, percorreu todas as regiões da sua pátria; como peregrino apostólico, passou por cidades, lugarejos, aldeias e bairros solitários; e onde quer que aparecesse como proclamador da Verdade divina e ardente instigador da virtude, onde quer que houvesse a tão desejada reforma da vida cristã: as discórdias eram dissipadas, as divergências resolvidas, os ódios extintos, a fé que havia definhado voltava a viver e a caridade dava esplêndidos e salutareos frutos.



Os erros que serpenteavam, muitas vezes camuflados sob a aparência da verdade, tiveram nele um opositor árduo e infatigável; combateu também energeticamente certas formas de piedade que não eram retas, alheias aos preceitos da Igreja e às normas e exemplos dos Santos. Com isso, conseguiu preservar incólume a integridade da doutrina católica, e a Fé não só voltou a brilhar nas mentes, mas também exerceu uma influência salutar nos costumes públicos e privados.

Além disso, às duas Famílias religiosas que fundou, deixou como herança sagrada a forma particular de perfeição que empreendeu e perseguiu até ao último suspiro da sua vida. Se elas perseverarem diligentemente, como ainda o fazem, em seguir as suas pegadas, se sobretudo imitarem o seu amor a Deus e ao próximo, se como ele cultivarem uma ardente devoção à Virgem Mãe de Deus, e copiarem em si mesmas a sua humildade, o seu amor à pobreza evangélica e a sua dedicação ininterrupta à oração, considerando-o como seu pai, mestre e fundador, poderão sem dúvida assegurar, da melhor maneira possível, a sua própria salvação e a dos outros.

Por isso, não nos parece necessário exortar os seus filhos espirituais neste auspicioso acontecimento; os factos falam por si. No entanto, apraz-nos explicar brevemente como o santo soube reconduzir ao divino Redentor uma tão grande multidão de pessoas, como fez incansavelmente tantas viagens, como venceu vitoriosamente tantos contrastes de pessoas e

coisas e, sobretudo, como conseguiu chamar de novo à penitência e à vida cristã tantas almas que pareciam mergulhadas no vício.

Tudo isto, Veneráveis Irmãos e amados filhos, compreende-se muito facilmente se se considerar o seu amor ardente a Jesus Cristo, se se considerar a sua devoção ardente, sólida e reta à Mãe de Deus. Deus era tudo para ele; por isso, nada lhe era mais caro, nada mais doce e suave do que vê-Lo em tudo, em tudo conhecê-Lo e amá-Lo. O seu único desejo era cumprir a vontade de Deus e aumentar a sua glória. Quando pregava ao povo, a caridade que ardia dentro dele brilhava tão intensamente através das suas frases luminosas e imagens flamejantes que atraía os ouvintes para si com uma força irresistível.

E, quando os tinha nas mãos, conseguia, com incrível facilidade, chamá-los do erro à verdade, do vício à penitência, da indiferença e do tédio das coisas celestes para um fervor salutar e um trabalho assíduo de perfeição.

Por isso, não só os que pertencem às duas Congregações por ele fundadas têm muito a aprender e a imitar, mas também todos os cristãos, sobretudo nestes tempos em que a fé católica define, os costumes são relaxados ou mesmo corrompidos, e aqui e ali, para grave prejuízo de todos, ardem as discórdias, e não há autoridade que as possa refrear ou conter, nem caridade que as possa acalmar, compor ou moderar.

Que a figura resplandecente e gentilíssima deste Santo volte aos olhos e às mentes de todos, e lembre de novo aos homens que eles nasceram para o Céu e não para a terra; e que ele os impulse a seguir as máximas cristãs, a unirem-se em concórdia fraterna, a alcançar finalmente aquela santidade, adornada com a qual eles poderão um dia, por inspiração e com a ajuda da graça divina, desfrutar da felicidade eterna no Céu.

Assim seja.

PIO XII

Discurso pronunciado no dia seguinte à canonização do Beato Luís Maria Grignon de Montfort.

21 de julho de 1947

Sede bem-vindos, caríssimos filhos e filhas, que acorreram em grande número para assistir à glorificação de Luís Maria Grignon de Montfort, humilde sacerdote bretão do século de Luís XIV, cuja curta vida, maravilhosamente laboriosa e fecunda, mas incrivelmente visada, incompreendida por uns, exaltada por outros, o colocou diante do mundo como um sinal de contradição “in signum cui contradicetur” (Lc 2,34). Ao reformar, irrefletidamente, o juízo dos seus contemporâneos, a posteridade tornou-o popular, mas, para além do veredito dos homens, intervém agora a autoridade suprema da Igreja para lhe decretar as honras dos Santos.

Uma saudação, antes de mais, a vós, peregrinos da Bretanha e do litoral do Oceano! Vós o reclamais como vosso e ele é verdadeiramente vosso. Bretão de nascimento e de educação, permaneceu bretão de coração e de temperamento em Paris, no Poitou e na Vendéia; permanecerá assim até ao fim, mesmo nos seus próprios cânticos missionários, nos quais, com um piedoso engenho - que pareceria, talvez, menos feliz numa época mais crítica e mais desdenhosa - adaptou palavras religiosas aos motivos populares do seu

país. Ele é bretão pela sua piedade, pela sua vida interior, pela sua viva sensibilidade, que uma delicada reserva, não isenta de alguns escrúpulos de consciência, poderia ter parecido, à primeira vista, a alguns dos seus companheiros e mesmo a alguns dos seus superiores, singularidade e desastrada. Era também um bretão em virtude da sua retidão inflexível e da sua franqueza áspera, que certos espíritos mais complacentes e mais maleáveis consideravam exageradas e o acusavam maliciosamente de absolutismo e intransigência.

Espiando-o maliciosamente sem o seu conhecimento, observando-o e ouvindo-o tratar com os pequenos e os pobres, ensinando os humildes e os ignorantes, mais de um pôde descobrir com admiração, sob as aparências um tanto rudes de uma natureza que ele mortificava e forjava heroicamente, os tesouros de uma inteligência rica, de uma caridade inesgotável, de uma bondade delicada e terna.

Quem pretendeu opô-lo a S. Francisco de Sales mostrou apenas um conhecimento muito superficial de ambos. Eles são diferentes, certamente, e aqui está uma razão para dissipar o preconceito de que todos os santos são exemplos idênticos de um tipo de virtude, todos feitos sobre o mesmo modelo! Mas não devemos esquecer a luta com que S. Francisco de Sales atenuou o seu carácter naturalmente áspero, e a delicadeza requintada com que Luís Maria ajudava e instruía os humildes. Por outro lado, a amabilidade do bispo de Genebra não pôde salvá-lo do ódio e das perseguições dos calvinistas e dos jansenistas melhor do que a austeridade do missionário bretão, e a aspereza ardente de um, como a paciência do outro, colocadas ao serviço da Igreja, mereceram a admiração e a devoção dos fiéis por ambos.

O traço distintivo de Luís Maria, que faz dele um autêntico bretão, é a sua perseverança tenaz em perseguir o seu santo ideal, o único ideal de toda a sua vida: ganhar os homens para os levar a Deus. Para a realização desse ideal, ele empregou todos os recursos que possuía da natureza e da graça, de modo que foi verdadeiramente, em todos os domínios - e com que sucesso! - o apóstolo por excelência de Poitou, da Bretanha e da Vendéia; poder-se-ia escrever, sem exagero, que *“a Vendéia de 1793 foi obra de suas mãos”*.

Uma saudação a vós, sacerdotes de todos os graus e de todos os ministérios da hierarquia eclesiástica, que levais nos vossos corações o desconforto, a angústia, a “tribulação” de que fala São Paulo (cf. 2 Cor 1, 8), e que hoje, quase por todo o lado, é a herança de todos os sacerdotes dignos do belo nome de pastores de almas! O vosso olhar, como o de milhares de irmãos no sacerdócio, dirige-se com orgulho para o novo Santo e tira do seu exemplo confiança e ardor. Pelo alto conceito que tinha da sua vocação sacerdotal e pela sua fidelidade heroica a ela, mostrou ao mundo o verdadeiro tipo - muitas vezes tão pouco e tão mal conhecido - do sacerdote de Jesus Cristo e o que um tal sacerdote é capaz de realizar para a glória de Deus e a salvação das almas, e para a própria salvação da sociedade, quando lhe consagra toda a sua vida, sem reservas, sem condições, sem medo, no verdadeiro espírito do Evangelho. Olhai para ele; não vos deixeis impressionar pelas aparências pouco atraentes: ele possui a única beleza que conta, a beleza de uma alma iluminada, abrasada pela caridade; ele é para vós um modelo eminente de virtude e de vida sacerdotal.

Uma saudação a vós, membros das famílias religiosas das quais Luís Maria Grignon de Montfort foi fundador e Pai! Vós éreis, em vida e na hora da sua morte prematura, apenas um grão de trigo impercetível, mas escondido no seu coração como nas entranhas de uma

terra fértil, mas alimentado pela seiva da sua abnegação sobre-humana, dos seus méritos superabundantes, da sua exuberante santidade. E eis que tal semente germinou, cresceu, desenvolveu-se e espalhou-se por toda a parte, sem que o vento da revolução a tenha feito morrer, sem que a perseguição violenta e a intriga jurídica a tenham podido abafar.

Queridos filhos e filhas, permaneci fiéis à preciosa herança que vos foi deixada por este grande Santo! Magnífica herança, que merece que vós, como o fizestes até agora, continueis a dar-vos, a sacrificar-vos por ela, sem poupar esforços nem vida. Mostrai-vos herdeiros do seu terno amor para com os filhos do povo; herdeiros da sua caridade para com os pobres, lembrando que tirou o pão da boca para os alimentar, despojou-se das suas vestes para os cobrir; herdeiros, enfim, da sua solicitude para com as crianças, privilegiadas do seu coração, como o foram do Coração de Jesus.

A caridade! Eis o grande, digamos antes: o único segredo dos resultados espantosos da vida tão curta, tão variada, tão movimentada de Luís Maria Grignon de Montfort. Caridade: é também para vós, sede intimamente convencidos dela, a força, a luz, a bênção da vossa existência e da vossa completa atividade.

Uma saudação, enfim, a vós, peregrinos vindos de vários países e, na aparência, tão diferentes uns dos outros, mas cujo amor a Maria vos une, pois todos vós vedes naquele que viestes honrar o guia que vos conduz a Maria e, por Maria, a Jesus! Todos os santos, sem dúvida, foram grandes servidores de Maria e todos conduziram as almas até ela, mas ele é um dos que trabalharam mais ardentemente e mais eficazmente para a tornar amada e servida.

A Cruz de Jesus, a Mãe de Jesus: estes são os dois polos da sua vida pessoal e do seu apostolado. Por isso, a sua curta existência foi plena; o seu apostolado, exercido na Vendaia, em Poitou, na Bretanha, durante apenas doze anos, perpetuou-se durante mais de dois séculos e estende-se por numerosas regiões. Isto porque a Sabedoria, aquela Sabedoria a cujo serviço ele se tinha consagrado, “fez frutificar o seu trabalho”, coroou a sua obra que a morte tinha, apenas aparentemente, interrompido: *“Multiplicou os frutos do seu trabalho”* (Sab 10,10). A obra é toda de Deus, mas tem também a marca daquele que foi o seu fiel colaborador; é justo reconhecê-lo.

O nosso olhar, quase deslumbrado pelo esplendor que emana da figura do nosso Santo, precisa, por assim dizer, de analisar as irradiações. Ele se detém, em primeiro lugar, sobre os dons naturais, mais exteriores, e se surpreende ao constatar que a natureza não foi tão mesquinha com ele como poderia parecer à primeira vista. Luís Maria não possuía, é certo, a graciosidade de traços que conquistam e suscitam imediatamente a simpatia, mas desfrutava - e este é, de facto, um trunfo mais apreciável - de uma robustez física que lhe permitia suportar grandes fadigas no seu ministério missionário e cumprir, ao mesmo tempo, duras penitências. Longe de se divertir deslumbrando o seu auditório com os artifícios fáceis da sagacidade, com a fantasmagoria de uma elegância subtil e refinada, ele soube pôr ao alcance dos mais simples o tesouro de uma teologia sólida e profunda (nisso ele excedeu-se!) e gastou-o de modo a iluminar e convencer as mentes, a comover os corações e a abalar as vontades com uma força persuasiva tal que conduziu às resoluções mais corajosas e eficazes. Graças ao seu tato, à subtileza da sua psicologia, soube escolher e ponderar o que convinha a cada um e se, por espírito de mortificação e para se consagrar totalmente aos estudos e à piedade, renunciou às belas-artes, para as quais tinha uma grande inclinação e belas disposições, conservou as riquezas da

imaginação e da sensibilidade, que a sua alma de artista soube utilizar para produzir nas almas a imagem do modelo divino. Tudo qualidades humanas, sem dúvida, mas das quais se serviu para conduzir os pecadores à penitência, os justos à santidade, os errantes à verdade, conquistando para o amor de Cristo os corações ressequidos pelo sopro gelado e árido do egoísmo.

Muito mais do que na sua humana atividade, ele confiava na ajuda divina que invocava através da oração. Sempre em movimento, sempre em contacto com os homens, ele estava, ao mesmo tempo, sempre recolhido, sempre unido a Deus, lutando, por assim dizer, contra a severa justiça de Deus, para obter da sua misericórdia, graças vitoriosas sobre os corações mais endurecidos; como o Patriarca lutando contra o anjo, ele parecia repetir, sem interrupção, a oração irresistível: *“Não te soltarei, enquanto não me abençoares”* (Gn 32,27).

Não ignorava, porém, que sem penitência, abnegação, mortificação contínua, a oração não basta para vencer o espírito do mal: *“In oratione et jejunio”* (Mc 9,29). E o nosso missionário unia os trabalhos dos apóstolos mais intrépidos às santas macerações dos ascetas mais austeros. Não observou ele, quase ao pé da letra, o mandamento dado pelo Mestre aos seus enviados: *“Não leveis nada para o caminho, nem bastão, nem pão, nem alforje, nem dinheiro, nem duas túnicas”* (Lc 9,3)? A única batina que possuía era tão pobre, esfarrapada e remendada, que os mendigos, encontrando-o, julgavam-se obrigados a ajudá-lo com a sua esmola.

Crucificado ele próprio, tinha o direito de pregar, com autoridade, Cristo crucificado (cf. 1 Cor 1, 23). Por todo o lado, contra a corrente e contra todos, construiu Calvários e reconstruiu-os, com uma paciência incansável, quando o espírito do século, “inimigos da cruz de Cristo” (Fil 3,18), os tinha derrubado. Traçou um programa de vida, mas sobretudo o seu próprio retrato na sua carta *Aos Amigos da Cruz*, com estas palavras: *“Amigo da Cruz é aquele que Deus escolhe entre dez mil pessoas que vivem ao sabor dos sentidos e da simples razão, para transformá-lo num homem espiritual, que fique acima da razão pura e em total oposição aos sentidos, com uma vida e uma luz de pura fé e um amor ardente pela Cruz.”* (AC 4).

A grande mola de todo o seu ministério apostólico, o seu grande segredo para atrair e dar almas a Jesus é a devoção a Maria. Nela apoia toda a sua ação; nela coloca a sua segurança; naquele tempo não podia encontrar arma mais eficaz. À austeridade sem alegria do jansenismo, ao seu terror tenebroso e ao seu orgulho opressivo, contrapõe o amor filial, confiante, ardente, expansivo e afetuoso do devoto servo de Maria, para com Aquela que é *“o refúgio dos pecadores, a Mãe da divina Graça”* (Ritual Romano, *Ladainha da Santíssima Virgem Maria*), que é *“a nossa vida, a nossa doçura e a nossa esperança”* (Breviário Romano, *Antífona Salve Regina*). E também nossa advogada, que, colocada entre Deus e o pecador, se esforça por invocar a clemência do Juiz, por dobrar a sua justiça, por tocar o coração do pecador e vencer a sua obstinação. Convencido pela sua própria experiência pessoal desta tarefa de Maria, o missionário afirma, com a simplicidade pitoresca que lhe é própria, que *“nunca um pecador lhe tinha resistido depois de o ter amarrado com o seu Rosário”*.

Deve ser também uma devoção sincera e leal. O autor do *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem* distingue com alguns traços esta autêntica devoção de uma falsa devoção mais ou menos supersticiosa, que, sob o pretexto de alguma prática exterior e de

algun sentimentalismo superficial, pretendesse deixar viver como agrada a cada um e permanecer no pecado, presumindo receber uma graça extraordinária na última hora (cf. S. Luís Maria Grignon de Montfort, *Tratado da Verdadeira Devoção à Santíssima Virgem*, cap. 3).

A verdadeira devoção, a da tradição, a da Igreja, a do bom senso cristão e católico, dizemos Nós, tende essencialmente para a união com Jesus, sob a direção de Maria. A forma e a prática desta devoção podem variar, consoante os tempos, os lugares e as inclinações pessoais. Dentro dos limites de uma doutrina sã e segura, da ortodoxia e da dignidade do culto, a Igreja deixa aos seus filhos uma boa margem de liberdade. Por outro lado, está consciente de que a verdadeira e perfeita devoção à Santíssima Virgem não está de tal modo ligada a estas modalidades, que qualquer delas possa reivindicar o monopólio da mesma.

E é por isso que Nós, amados filhos e filhas, desejamos ardentemente que, para além das diversas manifestações de piedade para com a Mãe de Deus e dos homens, todos vós tireis do tesouro dos escritos e dos exemplos do nosso Santo, aquilo que constituiu o fundamento da sua devoção mariana: a sua firme convicção na poderosíssima intercessão de Maria, a sua vontade resoluta de imitar, tanto quanto lhe foi possível, as virtudes da Virgem das virgens, o ardor veemente do seu amor por Ela e por Jesus.

Com a íntima confiança de que a Rainha dos Corações vos obterá do Autor de todo o bem este tríplice favor, Nós concedemos como penhor, a vós, a todos os que vos são queridos, a todos os que se encomendam à proteção de S. Luís Maria Grignon de Montfort e que a invocam unidos a vós, a Nossa Bênção Apostólica.

Texto em francês: AAS 39 (1947) 408-413

Tradução feita a partir do texto em língua italiana a cargo da Delegação Portuguesa.
Revisão textual: P. Horácio Segura, SMM

COMUNICAÇÕES - INFORMAÇÕES

✦ Publicação do livro do P. Manuel Vieira pela Editora Paulus: **Entre correntes e flores - O segredo da Consagração de São Luís de Montfort ou Santa Escravidão.**

“Montfort não queria fundar a sua consagração a partir das suas próprias ideias e devoção. Ele sabia muito bem que a palavra perfeição não tinha modelos na terra, daí que, desde a primeira hora, ele tenha decidido que a sua criatura – «a sua consagração» – só poderia nascer a partir do Alto.

O primeiro modelo vai Montfort buscá-lo no momento mais importante da decisão da Trindade acerca do modo da redenção da humanidade. Vejamos como ele descreve a sua contemplação deste mistério, ou seja, a consagração do Filho divino à vontade do Pai. O



segundo modelo vai Montfort buscá-lo na sua contemplação do mistério da Anunciação, onde Maria, após as garantias de que o pedido vinha de Deus, entregou-se, corpo e alma, nos braços de Deus Pai para cumprir a sua vontade. Nesta contemplação nasceu a consagração que, no plano de Montfort, consiste em ser conformes, unidos e consagrados a Jesus Cristo na imitação plena do «fiat» de Maria.”

A Delegação alegra-se com mais esta publicação que vem enriquecer o leque de publicações referentes à nossa espiritualidade. Um agradecimento especial ao P. Manuel Vieira, pela autoria da obra, e à Paulus Editora, pela aposta feita nesta publicação e por ter sempre as portas abertas para “as nossas coisas”. Desejamos um grande sucesso editorial e espiritual.

.....



✦ O Nuncio Apostólico em Portugal, D. Ivo Scapolo, impôs o **Pálio de Metropolita ao Patriarca de Lisboa**, D. Rui Valério, SMM, no dia 21 de julho 2024.

Na igreja de Santa Maria de Belém, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa, o Patriarca de Lisboa fez a profissão de fé diante do Nuncio Apostólico, ajoelhando-se, depois, diante de D. Ivo Scapolo.

De seguida, o Nuncio Apostólico em Portugal impôs o Pálio a D. Rui Valério, dizendo: *“Para glória de Deus onnipotente, para louvor da Virgem Santa Maria e dos santos apóstolos Pedro e Paulo, em nome do Romano Pontífice, o Papa Francisco e da Santa Igreja Romana, em honra da Cátedra que te foi designada, como sinal de autoridade metropolitana entrego-te o pálio, testemunho da confissão de São Pedro, para que o utilizes dentro dos limites da tua província eclesiástica. Este Pálio seja para ti símbolo da unidade e garantia de comunhão com a Sé Apostólica, vínculo de caridade e estímulo de fortaleza, para que, no dia da gloriosa vinda e manifestação de Deus e de Jesus Cristo, príncipe dos pastores, juntamente com o rebanho que te foi confiado, sejas revestido com o manto da imortalidade e da glória”.*

O Patriarca de Lisboa tinha recebido o Pálio de Metropolita das mãos do Papa Francisco na manhã do passado dia 29 de junho, na Basílica de São Pedro, no Vaticano.

O Pálio é uma insígnia litúrgica de honra e jurisdição e símbolo da comunhão com a Igreja de Roma. Feita com a lã de cordeiros brancos, simboliza o Bom Pastor que leva nos ombros o cordeiro até dar a sua própria vida, como recordam as cruzes negras bordadas

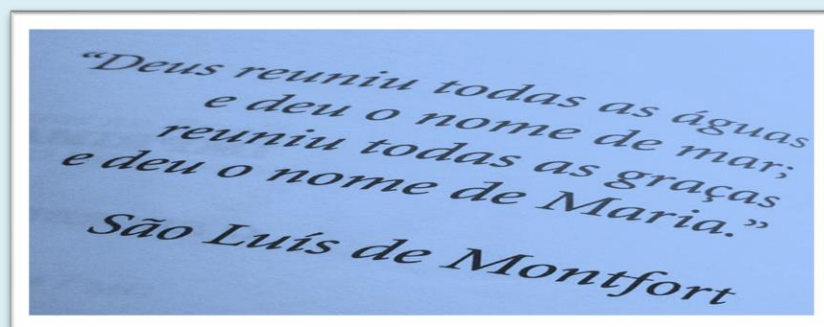
Fontes: (<https://www.patriarcado-lisboa.pt/site/index.php?id=12275>)

.....
+ **O P. Carlos Vieira** irá deixar as paróquias de Alcanena, Bugalhos e Monsanto no dia 15 de setembro de 2024, depois de aí ter prestado o serviço de pároco durante 7 anos. Agradecemos ao P. Carlos toda a dedicação revelada no trabalho missionário realizado nessas paróquias, pelos 10 anos de colaboração com a várias paróquias da diocese de Santarém e pela sua disponibilidade para continuar a servir a Delegação. Irá assumir novas missões em âmbito da Delegação, nomeadamente na difusão da espiritualidade monfortina e outras. Bem-haja P. Carlos!

.....
+ **Retiro da Delegação:** Irá realizar-se entre os dias **2 e 6 de setembro 2024**, na casa das Irmãs beneditinas de Roriz, Sto. Tirso. Iniciará com o jantar de segunda-feira e se concluirá com o almoço de sexta-feira. O animador será o P. Jaime Lamas, monge do mosteiro de Santa Maria de Sobrado, da Ordem Cisterciense (Galiza).

.....
+ **Curso de Integração Missionária** que ocorreu de 22 a 26 de julho, organizado pela CIRP, destinado particularmente aos missionários e missionárias que vêm do estrangeiro contou com a presença de 74 participantes, de 19 nacionalidades. Participaram três missionários monfortinos: P. Carlos Vieira, P. Saferinus e P. Agustinus. Todos salientaram como tendo sido muito positivo, que “valeu a pena”, uma vez que foi a primeira vez que tal curso foi organizado, pela qualidade dos conferencistas e ainda pelo elevado número de participantes, apesar de ter coincidido com a Semana Nacional de Liturgia.

.....
+ **Curso de Missiologia 2024:** O Curso de Missiologia deste ano irá realizar-se de 26 a 31 de agosto, nas instalações dos Missionários da Consolata, em Fátima. Esta formação inspira-se no tema “*Ide e convidai a todos para o banquete*” (cf. Mt 22,9). O Curso de Missiologia (CM) é uma iniciativa dos Institutos Missionários *Ad Gentes* (IMAG), em Portugal, com o apoio das Obras Missionárias Pontificias (OMP). Esta formação visa a qualificação do missionário e, conseqüentemente, da Missão. O curso é bienal. As inscrições ocorrem até dia 15 de agosto 2024. Todos somos convidados a participar.



ENDEREÇOS DOS MISSIONÁRIOS MONFORTINOS EM PORTUGAL

†Página Web: www.monfortinos.pt

†Youtube: <https://bit.ly/3jzPbCw> ou
https://www.youtube.com/results?search_query=monfortinos+em+portugal

†Facebook: <https://bit.ly/3np879a> ou
<https://www.facebook.com/groups/monfortinosportugal>

